

DA VIDA NAS RUAS AO TETO DOS LIVROS

CLARICE
FORTUNATO



Rio de Janeiro
2020

COPYRIGHT © 2020

Clarice Fortunato

EDITORAS

Cristina Fernandes Warth

Mariana Warth

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO, PROJETO GRÁFICO E CAPA

Daniel Viana

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Eneida D. Gaspar

REVISÃO

Léia Coelho

PRODUÇÃO DE EBOOK

Daniel Viana

Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda. É vetada a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico etc., sem a permissão por escrito da editora, de parte ou totalidade do material escrito.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F851d

Fortunato, Clarice, 1976-

Da vida nas ruas ao teto dos livros [recurso eletrônico] / Clarice Fortunato.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Pallas, 2020.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5602-005-1 (recurso eletrônico)

1. Fortunato, Clarice, 1976-. 2. Escritoras brasileiras - Biografia. 3. Memória autobiográfica. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

20-64000

CDD: 928.69

CDU: 929:821.134.3(81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prefácio: Mistérios de uma nova Clarice](#)

[Introdução](#)

[Preâmbulo: um mergulho desvairadamente melancólico](#)

[Reminiscências: despertando os esquecimentos da memória](#)

[Aurora agreste: lembranças da infância na fazenda](#)

[Fale com elas: vozes mulheres silenciadas](#)

[Nós, moradores de rua: vidas às margens](#)

[Lar, insustentável \(agri\)doce lar](#)

[Retorno escolar e desencantos com a “terra prometida](#)

[Perdi minha matriz: acertaram o meu calcanhar de Aquiles](#)

[\(Dis\)sabores da minha cor: marcas indeléveis do racismo](#)

[Antes do dia amanhecer, outros obstáculos](#)

[O despertar onírico: a menina no reverso do espelho](#)

[Contemporaneidade: o entrelaçamento entre a escrita e o](#)

[reencontro de si](#)

[A escrita da narrativa de memória](#)

[Memórias mulheres ancestrais: tessituras teórica e narrativa](#)

[Escrita e catarse: o reencontro do “eu”](#)

[Posfácio à viagem biográfica](#)

[Referências](#)

Prefácio: Mistérios de uma nova Clarice

A poderosa escrita de Clarice me atingiu em cheio. Lembro-me perfeitamente da noite em que seu texto me chegou de Exeter, na Inglaterra, onde ela estava realizando parte do seu doutorado. Quando comecei a ler sua história, fui sendo tomada pela surpresa e pela emoção. Nos conhecíamos havia muitos anos; como pode uma pessoa com quem convivemos há tanto tempo desvelar diante de nós, assim de repente, a narrativa de uma vida de que sequer suspeitávamos?

Minha primeira lembrança de Clarice são seus olhos, inquietos, curiosos, assustados. Se me ponho a rememorar esses anos distantes, ainda vejo seu olhar se acender numa aula, creio que num momento em que a literatura e ela começavam este longo caminho de encontros. Hoje penso que ela iniciava ali, com a literatura, sua busca por uma cidadania que, então, ela mais adivinhava do que de fato conhecia. Eu no entanto não sabia quase nada de sua história, das intermináveis e duras caminhadas que enfrentou até chegar ali, naquele lugar, dentro da sala de aula, no espaço acadêmico, esse lugar que para alguns era tão óbvio, tão sem surpresa, quase uma ‘natural’ consequência de suas vidas tranquilas. Para Clarice, tudo era novo, e aquele estar ali era um prêmio, era o troféu que conquistava por puro merecimento.

Sua lúcida consciência acerca do seu próprio percurso não a deixa esquecer, entretanto, que aquilo que conquistou — e que não é pouco: uma escrita própria, uma voz que é sua, um lugar no mundo —, sendo um lugar de mérito, não apaga as outras tantas vozes que ainda esperam sua vez. Sua trajetória, sua determinação, me lembram as palavras de Gloria Anzaldúa, escritora *chicana* que com suas palavras desafiou fronteiras e poderes:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. [...] Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.

Gloria Anzaldúa^[1a]

Assim percebo a voz desta nova escritora. Uma voz que vem para cobrir e corrigir silêncios, para dizer aquilo que foi apagado, abafado, emudecido sobre as muitas e muitas histórias de vida que atravessam nosso país e muitos outros lugares do mundo. Histórias de vida marcadas pelo peso avassalador do preconceito, da desigualdade e da injustiça mas que, teimosamente, apesar de tudo, permanecem vivas, à espreita, à espera. Ao tomar a palavra, essa escritora, que agora se apresenta para nós, se coloca vividamente em sua narrativa, ao mesmo tempo que nos propõe personagens, espaços, tempos e ações construídos com a firme delicadeza de quem conhece literatura. Como boa leitora, ela aprendeu a arte de narrar, aquela que nos conquista e nos toma pela mão, para nos levar, seduzidos, do início ao desfecho, querendo saber, percorrer com ela os mistérios do antes e do depois. A força e a beleza de sua história se espalham por todas as páginas deste livro, que felizmente podemos ter em nossas mãos. Trata-se de um verdadeiro encontro.

Quando li seu relato, pensei em calar minha voz, e só consegui ser tomada pela voz de Clarice, que eu, finalmente, descobria. Que muitas e muitas pessoas possam descobri-la, agora que, finalmente, e para nossa sorte, ela se torna pública.

Simone Pereira Schmidt

Introdução

*Minhas asas estão prontas para o voo,
Se pudesse, eu retrocederia
Pois eu seria menos feliz
Se permanecesse imerso no tempo vivo.*
Gerhard Scholem, Saudação do anjo

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las.
Walter Benjamin, 1994, p. 226^[2a]

Escrevo este prólogo com o intuito de nortear o leitor sobre a determinação de contar esta história, mesmo sabendo que há dimensões da existência humana que não podem ser traduzidas em palavras. Ainda assim, inspirada pelas palavras de Gioconda Belli^[3], afirmo com convicção que “três fatores, que não escolhi, marcaram todas as esferas da minha existência: ser mulher, ser negra e ser pobre”. No campo simbólico, dizem Chevalier e Gheerbrant^[4a], “O preto é a cor da noite; é a cor também das provas, dos sofrimentos, do mistério, mas pode ser, também, o abrigo do adversário que espreita. Na África negra, a cor é um símbolo igualmente religioso, carregado de sentido e poder.” Mas, no Brasil, ser negro é sinônimo de exclusão e de todas as mazelas decorrentes desta condição. Como mulher negra, desde muito cedo, tive a compreensão de que a minha cor tem uma simbologia

ressignificada coletivamente: poder, força e resistência. Dessa forma, a força motriz da minha luta é uma herança ancestral, como também assevera Conceição Evaristo^[5]: “a minha voz recolhe as vozes da minha bisavó, da minha avó e da minha mãe; e de todas essas vozes negras se fará ouvir a ressonância”; e me apoio nessa ancestralidade na esperança de sublimar todos os sofrimentos por meio dessa escrita.

Quando decidi escrever a minha história, eu estava na cidade de Exeter, Inglaterra, realizando o *Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior*. Foi um período memorável, que me permitiu a experiência do encontro comigo mesma, que só a insularidade do exílio pode proporcionar. No início, durante a minha estada na pequena e bucólica cidade, tudo era descoberta e euforia. Depois, as atividades cotidianas na universidade me mantiveram ocupada o bastante para não pensar em questões subjetivas. Era abril e começo de primavera, mas o clima, cinzento e frio; ao menos não chovia. Com a chegada das férias, a universidade deserta, absorvida pelo clima de silêncio e solidão, propícios ao trabalho da escrita, me debrucei na minha pesquisa. Ao término da escrita de um artigo, e já voltando para a tese, o barulho ensurdecido dos acontecimentos políticos no Brasil começou a me perturbar. Gastei um tempo considerável discutindo sobre isso nas redes sociais de amigos, até perceber que o debate fervoroso me desestabilizava. Deliberadamente, desconectei-me das redes sociais e mergulhei no silêncio ponderoso, que me permitia reorganizar a escrita. No entanto, de súbito, fui interrompida por uma polifonia de vozes que ecoavam a me atormentar. Recorri a minha sensatez, num esforço para afastá-las; não era momento para nostalgia e sim determinação na continuidade da pesquisa. Entretanto, a vozearia só parecia multiplicar. Cobri com as mãos os ouvidos, na tentativa de romper o desatino, mas foi inútil. Então, decidi fugir depressa, coloquei um agasalho e saí a caminhar pelas ruas esvaziadas pelo frio. Ali fora, com o vento gelado a lambear meu rosto, a respiração

quente abrandava aquela sensação incômoda, e, por aqueles instantes, libertei-me das vozes. Perdi a noção de quanto tempo caminhei. Anoiteceu, mas eu me recusava a voltar para casa, receando o ressurgimento do vozerio. Toda a mansidão dos meus dias parecia agora pertencer a um passado recente para onde era impossível regressar. O cansaço não me permitiu continuar perambulando, então, retornei. Meus presságios se confirmaram e, assim que cheguei, as vozes retornaram ainda mais impetuosas e nítidas: “escreva sua história, escreva sua história, escreva sua história...” Eu podia distinguir os vários tons de vozes das pessoas que sugeriram que eu contasse a minha história. Já não havia como fugir, compreendi que a única maneira de romper com o processo paranoico era render-me à escrita. Tão épica foi essa clarificação que, no mesmo momento, todas as vozes se dissiparam e, pouco depois, a serenidade voltou ao meu espírito. Estava salva e não seria devorada pela esfinge.

A escritura da narrativa de memórias é o desfecho de um processo transcendental, um mergulho nas profundezas do meu ser, em busca de todos os fragmentos dilacerados e esquecidos da minha história. Esquecimentos relativos à minha incompletude. Um quebra-cabeça, do qual foram perdidas peças importantes. É necessário desmontar e remontar as partes porque, se abrir mão delas, corro o risco de perder minhas raízes com o mundo, com a minha história. Não que o desraizamento seja ruim, pelo contrário; entretanto, quando reivindico minhas raízes, falo de conexão no sentido de pertencimento e origem: eu preciso perscrutar quem sou para entender minha trajetória. Talvez eu faça as pazes com o passado, sintonize o presente e enfrente com leveza o futuro.

Na epifania da paranoia, descobri, é tempo de fechar o ciclo iniciado na infância, quando a percepção de plenitude era o conhecimento; e a literatura, veículo condutor a universos mágicos, aos quais eu sentia uma necessidade absurda de acesso. Essa urgência determinou o meu modo de pensar, sentir e agir.

Via-me horas e horas a contemplar crianças estudando e ansiava ser como elas, era dolorosa a exclusão daquele universo fascinante. Sentia-me como uma criança num castigo silencioso, enquanto outras brincavam ruidosamente ao redor. Eu experimentava, pela primeira vez, a sensação de me sentir “fora”, como se eu não existisse de fato — eu era invisível. Parece que em todos os grupos existe alguém assim: uma peça que não se encaixa.

As crianças, quando não vivem em um ambiente satisfatório, constroem seu próprio universo. E, como uma tentativa de refúgio, assim o fiz, já que o mundo real era perverso. Adotei esse mecanismo lúdico a fim de me conectar com esse lugar quimérico: sonhava outra Clarice. A imaginação voava distante, para o lugar de onde fosse possível olhar a vida à distância segura e confortável. O “eu” imaginário: uma menina alegre, uniforme e tênis limpos, a cuidar dos deveres escolares, depois da chegada do colégio. Era uma forma de ausentar-me da realidade. Criei um lugar de conforto, uma simbiose secreta com a felicidade, como a noção freudiana sobre os sonhos como estratégia poderosa para aliviar o sofrimento, ao imaginar vidas diferentes e melhores para si. No mundo real, o caderno velho, recolhido no lixo, cuja escrita apaguei; uniforme doado pela vizinha porque já não servia; os pés estavam descalços e eu não sabia ler.

Retorno ao presente. Ao debruçar-me na escrita, vejo nitidamente que a ânsia em revisitar o passado sempre esteve presente, como um poderoso vulcão adormecido que, de repente, entra em erupção. Na impossibilidade de manter a memória passada silente, recordei o filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*^[6], em que a personagem principal, depois de se decepcionar com um grande amor, submete-se a um tratamento experimental para apagá-lo da memória. O argumento da película se casa com minha decisão de manter distante a memória do passado de perda e dor.

Inexplicavelmente, no período em que morei na Inglaterra — um ano, que representa o círculo e um ciclo — o passado eclodiu num grito estrondoso em mim: “Você precisa contar sua história!” A viagem ao exterior era também um deslocamento para fora de mim. Uma revelação: eu mesma a me observar, a me desafiar ao autoconhecimento. Como encontrar forças para evocar o pretérito assombroso? O passado agradável é um lugar de refúgio e conforto imaginários. Porém, quando permeado de dor, sua revisitação é penosa. O meu passado pesa demais. Expurgá-lo é vivê-lo outra vez. Eis por que tenho lutado avidamente contra o arrebatamento que me impelia a olhar para trás. Contudo, algo em mim sabia impossível ignorar tal ímpeto. Foi quando entendi ou me agarrei na esperança de que contar minha história é crucial para que eu encerre uma fase, como uma rota de retorno à luz, o desenrolar do meu destino.

Olho o passado e vejo uma estranha; aliás, várias versões de mim mesma. Sou a menina que desmaiou sem ter o que comer? Que tremia o corpo esquelético de frio e medo na noite escura? Sim, sou eu. Tenho no corpo as marcas, e, na alma, a dor. Ao olhar as cicatrizes, regresso, como Ulisses, da Odisseia^[7], reconhecido por sua antiga ama graças a uma cicatriz, e vejo a garotinha em mim. Compreendo ser impossível resgatar os detalhes, mas recupero fragmentos e amplio sua trama, esforço de rememoração. Nesse lembrar, sinto a mesma dor, como se a vivesse no presente. Se eu recobrar mil vezes, mil vezes me dói; sofro porque não sei o que restou da garotinha em mim. E talvez isso me dê forças para resgatar a memória do passado, o único lugar onde posso revisitá-la e dizer-lhe que a dor não matou os meus sonhos. Quem sabe, se eu tiver êxito ao juntar as peças do passado, seja possível me transportar para um lugar onde o meu mundo faça sentido.

A escrita me resgata novamente ao presente, e as lágrimas secaram enquanto escrevo estas linhas. Afinal, compreendi a urgência da narração e o quanto a vida é surpreendente. Temos

controle dela? Nós nos cremos protagonistas e empregamos um esforço tremendo, a remar contra a corrente. E eu queria dizer isso sem cair em clichê ou soar piegas, mas estou convicta de que é impossível escapar desse risco: quando você estiver em águas perigosas, transponha os obstáculos, mas, em rota já traçada, deixe-se conduzir! Todos os rios correm para a mesma direção. Sim, eu me equivoquei quando julguei a viagem ao exterior “apenas” parte do processo acadêmico. Segundo Todorov, “O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; [...] A viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior”^[8]; e, nesse sentido, a verdadeira jornada foi longínqua e transformadora, uma experiência visceral. Deixo-me conduzir e, nessa entrega, sinto a minha alma, aos poucos, libertar-se, segura de estar no caminho certo. Estou muito perto de olhar o passado sem sentir dor. À medida que escrevo, leveza e força combinam-se harmoniosamente. Sim, existem segredos invioláveis, dores com as quais ainda não consigo lidar. Haverá um tempo em que todas as feridas deixarão de sangrar? Não! Não há nenhuma garantia. Porém, a desmaterialização da dor acontece quando a transformamos em força e a empregamos em prol de uma causa maior, deixando um rastro interessante na história. Nessa experiência, a escrita subjetiva é catarse, um elemento-chave capaz de fechar e abrir novos ciclos.

Concomitante ao desenvolvimento da escrita, eu me proponho a refletir sobre tantas vidas marginalizadas, consciente da impossibilidade de tomar a minha condição como mulher negra generalizável, mas para que outras pessoas em igual situação se reconheçam na minha história como parte de coletivo marginal. Meu intuito é instigar uma reflexão sobre o peso de ser mulher, negra e pobre no Brasil e o impacto desses fatores no seu cotidiano de cenário miserável e violento. Refletir sobre as relações sociais na contemporaneidade, onde perduram resquícios das práticas

sociais do período colonial escravocrata. A condição marginal das mulheres negras está atrelada à continuidade do racismo sedimentado através de valores culturais elitistas. É possível repensar esses valores sob uma nova perspectiva e propor um compartilhamento de saber social filantrópico que influencie assertivamente a vida dos indivíduos.

Preâmbulo: um mergulho desvairadamente melancólico

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.

Todorov, 2009^[9]

Os jardins da nossa existência nem sempre são primaveras. Alguns são sombrios, repletos de labirintos secretos, pelos quais evitamos adentrar por falta de coragem ou excesso de prudência, ou ainda pelo pouco entendimento ou pela impossibilidade de conexão com uma história de dor. Quando decidi escrever esta história, eu estava convicta; ainda assim, enfrentei o desconforto ao visitar o passado. Eu quis regressar, mas tive medo do que encontraria. Cogitei suspender a busca, mas já não era possível. Uma força misteriosa impelia-me a mergulhar. Ao me impulsionar, meu espírito foi tomado por uma sinestesia até então desconhecida: ora um calafrio, como se, sem proteção, eu estivesse prestes a saltar de paraquedas, ora uma onda febril e um violento pudor por me ver desnuda, todas as cicatrizes, sempre escondidas, inclusive de mim mesma, agora aparentes. Experimento o cheiro de infância, um gosto amargo da dor. Esquivei-me da abstração num monólogo ou diálogo — não sei ao certo, porque outras vozes se juntaram ao coro — com meu *alter ego*, que tentava me persuadir, num desatino sem fim.

— *Você precisa seguir em frente, pois sabe o quão importante é dividir com o mundo a sua história, cuja narrativa pode inspirar a libertação de outras mulheres na mesma condição.*

*image
not
available*

filha morta. Nunca mais se corresponderam, embora mamãe mantivesse a memória familiar viva. Dessa forma, os perpetuou ao contar aos filhos as histórias de lá, quando todos se aconchegavam ao seu redor a ouvi-la contar os “causos”. Eu sentava entre as pernas e com a cabeça apoiada no colo materno, sentindo seus dedos se emaranharem nos meus cabelos, num afago aprazível dono do meu sono mais sereno. Por meio de seus relatos, desde que me entendi por gente, imaginava meus ascendentes, como se os conhecesse bem; e visto que o esquecimento era inevitável, logo eu sentia saudades da lembrança e perguntava novamente: como eram o meu avô, minha avó, minhas tias? E mamãe recontava sobre eles, com riqueza de detalhes. Quando ela os lembrava, seus olhos brilhavam num contentamento nostálgico. Eu fechava os meus e podia vê-los, assim como ela os descrevia.

Surpreendentemente, quase 40 anos depois, motivada pela obstinação de recuperar minhas raízes, encontrei parte da família de Vitória da Conquista, que sequer sabia da minha existência. Desde que tive acesso à internet, empreendi inúmeras tentativas de encontrá-los por meio dos mecanismos de pesquisa, desde o tempo do extinto *Orkut*; todos os esforços frustrados. Precisamente em 2014, fiz um rastreamento minucioso no *Facebook*, buscando pelos sobrenomes “Assis Vieira” e “Fortunato Araújo”, combinados ou avulsos, na esperança de encontrá-los. Reproduzo, na íntegra, a mensagem que enviei às pessoas com as quais, por intuição, cogitei a possibilidade de parentesco:

— *Eu sei que você não me conhece, mas queria pedir sua ajuda para encontrar minha família. Sou neta de Ornélio Assis Vieira e Clemência Maria de Jesus, daí de Vitória da Conquista. Minha mãe, Édina Assis Vieira, foi para o Paraná, fugindo com Vicente Fortunato Araújo, também aí de Vitória da Conquista. Se você souber de algo que possa me ajudar, serei eternamente grata. Obrigada, Clarice.*

De muitos, não obtive resposta; outros desejaram sorte, mas desconheciam qualquer proximidade familiar. Quando já

*image
not
available*

do quintal e as vendia por 50 reais cada. A renda era incerta, já que havia semana em que não se vendia nenhuma gaiola. É por isso que compartilhavam água e eletricidade com minha tia, mas raramente contribuía com o pagamento das faturas.

Moravam na mesma casa com minha tia, Silvanete — ou Netinha, como era chamada — e sua filha Nicole, de sete anos. Com deficiência intelectual, Netinha não trabalhava. Havia, ainda, Matheus, três anos, neto de que minha tia cuidava, enquanto o pai trabalhava durante o dia. Tantas bocas para alimentar, tão poucos recursos. Era absolutamente compreensível a aposentadoria ser insuficiente para pagar água e luz. A comida era escassa. Com quatro crianças na casa, minha tia fazia o milagre da multiplicação para sustentar a todos. Sorte que havia muitas frutas que os pequenos saboreavam enquanto brincavam pelas redondezas.

No primeiro dia lá, comprei 10 pães para o café da manhã, mas percebi que eram insuficientes. As crianças queriam comer mais de um e a minha tia os repreendia dizendo que havia outras pessoas para comer. Eu intervinha:

— *Deixa eles comerem, tia! Depois eu compro mais.*

E nos próximos dias passei a comprar 20 pães e disse a ela para deixá-los comer à vontade. Fui ao mercado com as crianças. Comprei os pães, coca-cola e um pote de sorvete de 2 litros com que, ao chegar em casa, elas se deliciaram. Nos próximos dias, elas me acompanhavam quando ia comprar pão. Deixava que escolhessem um picolé e via olhinhos brilhantes de contentamento. Eu passava muito tempo com elas durante o dia; quando não estavam na aula, me acompanhavam aonde quer que eu fosse. Com o passar dos dias, elas estavam tão apegadas que pediram para eu trazê-las comigo. Era Nicole quem mais insistia.

— *E sua mãe, Nicole? Você vai deixá-la aqui?* — Eu argumentava.

— *Você pode ser a minha mãe* — ela respondeu prontamente.

— *Não, eu não sou sua mãe, sou sua prima. E, se levar você, sua mãe vai sentir sua falta, você ficará com saudades e vai querer voltar.*

*image
not
available*

Aurora agreste: lembranças da infância na fazenda

Mesmo que estivesse em uma prisão, cujos muros não permitissem que nenhum dos ruídos do mundo chegasse a seus ouvidos, o senhor não teria sempre a sua infância [...]? Volte para ela a atenção. Procure trazer à tona as sensações submersas desse passado tão vasto; [...] E se, desse ato de se voltar para dentro de si, desse aprofundamento em seu próprio mundo, resultarem versos [...] neles seu querido patrimônio natural, um pedaço e uma voz de sua vida.

Rainer Maria Rilke^[10a]

Por volta de 1980 — não sei precisar exatamente o ano — morávamos numa fazenda entre os municípios de Guairaçá e Terra Rica, no estado do Paraná. Era um ambiente bucólico, sem qualquer toque urbano. A iluminação era provida por lamparina à base de querosene, uma por cômodo. O mictório ficava fora de casa, por causa disso, à noite, as necessidades fisiológicas eram feitas num penico, que ficava sob a cama. Na manhã seguinte, o penico era esvaziado no mictório. Quando se esqueciam de esvaziá-lo, o quarto era tomado por cheiro fétido de urina. Próximo às casas, corria um rio raso de água límpida e mansa, no qual as mulheres passavam quase toda a manhã lavando roupa da família com sabão de soda feito em casa, a cantar e prosear, enquanto as peças mais encardidas quaravam na relva. Depois iam embora, levando na cabeça uma bacia cheia de roupas limpas, que seriam estendidas em grandes varais, ao chegar em casa. A água potável para cozinhar e beber era puxada manualmente, com baldes amarrados em cordas, de poços artesanais. Na cozinha, o fogão a lenha era aceso às cinco da manhã para que o café fosse servido antes de partirem para mais um dia de trabalho na lavoura de café.

As moças que não iam trabalhar na lavoura se encarregavam de

*image
not
available*

contar seus casos pitorescos e, com sorte, cortejar alguma moça solteira. Narrativas de aventuras mirabolantes, sem pé e sem cabeça, deixavam-me fascinada, a sonhar noite adentro. Outros casos de mortos, assombrações, demônios e superstições eram motivos de terríveis pesadelos. Os narradores eram exclusivamente masculinos, cabendo às mulheres mostrarem-se impressionadas ou fazerem breves comentários, enquanto as crianças ouviam, num arrebatamento silencioso. As mesmas histórias eram recontadas e, de acordo com a astúcia e a imaginação do contador, ganhavam um destaque diferente, alterando enredo, personagens, clímax e verossimilhança. A nós, crianças, elas pareciam sempre inéditas e fantásticas.

Os namoros na fazenda eram cerimoniosos e recatados. Estava fora de hipótese contato corporal ou ficar moça a sós com o namorado. Nenhum pretendente se atreveu a pedir minhas irmãs em namoro (mais tarde entendi o porquê); contudo, com a morte de papai, vários se manifestaram. Todos se conheciam na pequena fazenda, então não havia muita escolha. Se mamãe simpatizasse com o aspirante, ela permitia o namoro. No ritual de cortejo, os namorados sentavam-se nas extremidades do sofá maior, com uma distância significativa a separá-los, enquanto mamãe, vigilante, sentava-se numa poltrona menor, comigo no colo. Bastava que ela piscasse as pestanas para os pombinhos estreitarem o hiato entre eles e tocarem as mãos. Mamãe despertava num salto e eles, noutro, realinhavam-se. Depois de muitos bocejos e cochilos, gentilmente, a anfitriã lançava indiretas a fim de dispensar o rapaz. E assim se fechava a noite, para a frustração do casal, apenas com um “boa-noite”! Comentava-se que os enamorados se encontravam fortuitamente para namorar sem a vigilância de mamãe, mas eu era muito pequena e dessas coisas as crianças não tomavam parte.

Os moradores da fazenda eram extremamente conservadores. Certa vez, depois que meu pai já não estava conosco, minha irmã

*image
not
available*

Meus irmãos menores de dez anos não iam para o trabalho na roça. Brincávamos juntos o dia todo e, ao final do dia, eles ficavam amedrontados com a volta de papai. Quase todos levavam uma surra e ficavam de castigo ajoelhados sobre grãos de milho por terem feitos estripulias. Mesmo os irmãos maiores apanhavam. Mamãe contava que um dia, ao saber que um deles fumava escondido, papai o fez comer um cigarro inteiro, enquanto apanhava. Outra vez, minha irmã mais velha estava namorando sem permissão. Ela apenas recebia cartas do pretendente e as escondia debaixo do colchão. Ao tomar conhecimento, meu pai a fez ler a carta e depois comê-la.

No entanto, a lembrança paterna mais marcante é justamente a primeira da minha vida. Eu, com cinco anos de idade: já anoitecendo, meu pai chegou em casa exausto, depois de uma jornada de aproximadamente 12 horas de trabalho na lavoura. Era comum minha mãe esquentar água no fogão a lenha e lavar seus pés e pernas numa bacia de alumínio. Os braços ele mesmo lavava. Chamavam esse meio-banho de “meia-sola”. Eu, uma garotinha de cinco anos, reclamava a atenção materna aos berros, enquanto ela lavava os pés de papai. Irritado com o choro, ele levantou-se da cadeira e me surrou a chineladas. Era só o primeiro incidente de violência da minha história, que mal acabara de começar.

Papai era mesmo violento e autoritário, não só com os filhos maiores. Eram constantes as brigas com mamãe, nas quais meus irmãos mais velhos intervinham para que não acabasse em tragédia. Por esse motivo, todos ficavam aterrorizados quando ele chegava em casa bêbado. Meus irmãos trabalhavam duro na lavoura de café, enquanto minha mãe se encarregava dos afazeres domésticos. Trabalhavam arduamente em prol de um sonho: comprar uma casa na cidade e se mudar para lá. Para isso, economizavam todo dinheiro que sobrava. Apesar disso, meu pai costumava ficar até uma semana fora e gastar muito dinheiro com bebida, jogo e mulheres. Certa vez, ele foi para a cidade vender